



TRADUÇÃO TÉCNICA E CONDICIONANTES CULTURAIS DE UM MANUAL DE SMARTPHONE

Amanda Cabral Viera BENITES [1]¹
Lilium Cristina Marins PRIETO [2]

Introdução

No atual momento de democratização do acesso às novas tecnologias e à informação, o contato com as mais diversas línguas é uma exigência constante. Nesse sentido, a tradução não apenas se amplia, mas se diversifica e assume novas formas, que se tornam imprescindíveis para a compreensão das informações divulgadas mundialmente. No mercado tradutório, que cresce ano após ano, estão presentes os mais diversos tipos de tradução e, entre as formas mais conhecidas, estão a tradução literária e a denominada tradução técnica ou científica. Em âmbito mundial, de acordo com Barbosa (2005), a tradução técnica ou científica é a mais requisitada e chega a assumir um faturamento de US\$ 15 bilhões ao ano. No universo acadêmico, quando se discute sobre estudos da tradução, especialmente na área de tradução técnica, percebe-se a desconsideração com esse tipo de tradução e até a construção de conceitos equivocados e preconcebidos, mesmo ela sendo de grande importância na divulgação de material científico.

De acordo com Azenha (1996), a escassez em pesquisas sobre a tradução técnica acarretou na visão amplamente difundida de que o texto técnico, diferente de outros tipos de texto, é como um terreno árido que não permite nenhuma variação, criatividade e inovações, onde apenas o domínio do assunto a ser traduzido e conhecimento da língua estrangeira seriam suficientes para se realizar uma tradução completa e de qualidade. Em resumo, a compreensão textual seria apenas no âmbito da mera soma de léxico e sintaxe. Como consequência disso, os problemas de tradução técnica estariam fundamentalmente circunscritos ao plano lexical-terminológico. Todavia, a experiência de trabalho com a tradução de textos técnicos mostra que os tipos textuais são instáveis, que os textos são formas híbridas e estão sujeitos a inúmeras variáveis.

¹ [1] Graduanda do Curso de Bacharelado em Tradução da Universidade Estadual de Maringá.

[2] Professor Ms. Do Departamento de Letras Modernas da Universidade Estadual de Maringá.



Embora os textos técnicos não permitam muitas variações estilísticas, isso não diminui o seu valor. Seu terreno não é árido simplesmente por ser técnico, o que acontece é que o uso da terminologia empregada não quer dizer que um texto técnico não traga consigo traços culturais. A partir dessa perspectiva, ao considerar o texto técnico como um texto híbrido, isto é, exposto a variações culturais, Azenha (1999) quebra paradigmas e propõe uma mudança em relação à tradução técnica, o que significa compreender um texto técnico como uma estrutura multidimensional. Assim, os elementos culturais fazem parte desse universo que existe no texto técnico. Faz-se necessário esclarecer, portanto, que o termo *cultura* é “o que deve ser aprendido à parte da herança biológica humana e deve consistir do produto final da aprendizagem: o conhecimento²” (STOLZE, 2009, p.125, tradução nossa). Por esta definição, devemos notar que a cultura não é um fenômeno material e não consiste de coisas, pessoas, comportamento, ou emoções. Cultura é, antes, uma organização desses elementos, a forma como as pessoas os tem em mente, os seus modelos, para perceber, relacionar e interpretá-los de uma forma (STOLZE, 2009 apud GOODENOUGH, 1964). Por esse viés, é possível afirmar que a cultura determina como as pessoas falam e escrevem e até como percebem uns aos outros.

De acordo com Stolze (2009), a cultura está inserida em todo tipo de comunicação humana, fazendo parte das características dos textos em geral e conseqüentemente dos textos técnicos. O texto considerado como forma escrita e oral da comunicação entre indivíduos carrega mensagens e essas mensagens, inseridas em textos técnicos, fazem parte de um campo do discurso que inclui o conteúdo relevante e referências culturais implícitas da pessoa que fala.

Ao aceitar que os significados dos textos funcionam dentro de determinadas culturas, também leva-se em conta a existência de características culturais nos textos. Sendo assim, convenções culturais na sua construção podem constituir em um problema de tradução, principalmente para a comunicação técnica. Destacar os elementos culturais em textos é, portanto, decisivo para que não aconteçam os inúmeros erros de tradução que se acumulam, que causam desde eletrodomésticos queimados até dosagem indevida de medicamentos (AZENHA, 1999).

Por ser híbrido, o texto técnico leva a reflexões sobre outros fatores que envolvem a tradução como *texto* que é. Zethsen (1999) afirma que a chave para uma tradução bem sucedida está na

² “Culture, being what people have to learn as distinct from their biological heritage, must consist of the end product of learning: knowledge” (STOLZE, 2009, p.125).



conscientização de todos os propósitos que um texto encerra e, entre esses propósitos, está a habilidade que um texto tem de demonstrar a cultura que ele faz parte. Diferenças em textos técnicos traduzidos, com base na cultura, não se limitam ao nível da palavra, mas também incluem estruturas sintáticas. Essas estruturas sintáticas são como os elementos de uma sentença estão dispostos e, também, como eles são combinados. Existem, ainda, outras diferenças que devem ser consideradas: diferenças entre as línguas, além de estilos de escrita técnica e científica.

Nessa perspectiva, este artigo apresenta como objetivo analisar a tradução do manual do Smartphone *iPhone 3Gs*, da Apple Inc., chamado “Finger tips” com tradução “Dica na ponta dos dedos”, que é uma versão resumida, contendo as funções do aparelho. Assim, será através da comparação entre o texto de partida e o texto de chegada que a forma como os aspectos lexicais e sintáticos aparecem e se inserem na tradução serão analisados. Além disso, será verificado como isso reflete as particularidades culturais de cada língua, nesse caso, do inglês e do português.

1. Tradução técnica como atividade intercultural

A tradução técnica é uma atividade intercultural que permite a comunicação entre pessoas. A mediação das mensagens, através das fronteiras da linguagem, é realizada pelos tradutores, que vivem sempre entre duas línguas e duas culturas, por isso, deve estar ciente da sua condição de mediador, estabelecendo o contato entre dois mundos de línguas, costumes e hábitos diferentes. Assim, na tradução, é necessário estar exposto à língua e seu uso, ou seja, teoria e prática devem estar relacionadas, uma vez que “prática sem teoria é uma função vazia, mas teoria sem a prática é uma terminologia irreal” (STOLZE 2003 apud PAEPCKE, 1986 p. 58 tradução nossa).

Aio e Pochlopeck (2010, p. 104), ao afirmarem que “traduzir é, à parte os termos teóricos, transpor um texto de uma língua para outra”, reforçam a ideia de que não se pode esquecer que a língua é parte integrante da cultura e que os textos técnicos também estão expostos às variantes culturais estilísticas, lexicais, sintáticas ou mesmo variantes internas à própria área técnica em que se está traduzindo, devido às diferenças no desenvolvimento tecnológico, social etc. As autoras ainda argumentam que, além das questões de nível de desenvolvimento de cada cultura previamente citada, as questões ideológicas podem influenciar na escolha do léxico, estratégias e decisões do



tradutor, não o isentando do trabalho árduo e enfrentando os mesmos obstáculos encontrados em outras modalidades tradutórias.

No mercado de tradução, a tendência geral, ainda que equivocada, segundo Aio e Pochlopeck (2010), é a concepção de que textos técnicos são facilmente e rapidamente traduzidos, visto que necessitariam “somente” do conhecimento “básico” da terminologia específica da área, exigindo do tradutor “apenas” o domínio do assunto e a revisão sintática para tornar o texto legível e com sentido, descaracterizando e diminuindo a profissão de tradutor técnico.

Azenha (1996, p. 2), ao destacar a importância e as particularidades da tradução técnica, mais especificamente da tradução de manuais, afirma:

Num plano mais abstrato, parece que traduzir um manual de operação para uma máquina de emborrachamento de tecido, por exemplo, continua sendo uma atividade "menor" do que traduzir um poema. No domínio concreto do uso, porém, se é verdade que o manual dificilmente seria o livro de cabeceira de alguém, também é verdade que o poema de nada serviria ao operário no momento de trabalhar com a máquina.

Então, como afirma Stolze (2009), o tradutor precisa de certos conhecimentos prévios, como o conhecimento das culturas envolvidas para que possa identificar os aspectos culturais em uma determinada tradução. A autora ainda acrescenta que só através de uma análise minuciosa das referências culturais implícitas a certas estruturas do texto que é possível identificar esses elementos que representam a cultura. Ela determina como as pessoas falam, escrevem e como percebem uns aos outros. Consequentemente, elementos culturais estão presentes, implicitamente, em textos. Isto se torna crucial na tradução quando um tradutor de uma cultura diferente não é capaz de interpretar adequadamente os traços culturais implícitos, ou mesmo interpretá-los, e a tradução pode não atingir seus objetivos. Se a estrutura da língua-alvo é diferente, o tradutor terá que aplicar as mudanças, a fim de melhorar a inteligibilidade.

Tipos de textos informativos, possivelmente com uma perspectiva internacional, tais como manuais, baseiam-se em um tipo de texto em uma determinada situação específica de comunicação. O tradutor precisa ter um conhecimento claro das especificidades culturais e explicá-



las na tradução e, para isso, existem várias possibilidades para compensar as diferenças culturais entre textos como: adaptação e modificação. Todos os traços da cultura em um texto podem causar problemas de compreensão para um tradutor não familiarizado com estas características e é preciso que a tradução seja transparente, a fim de tornar o texto de chegada inteligível ao seu leitor.

2.1 A dinamicidade e particularidades das línguas: algumas considerações para a tradução

Entre as discussões trazidas por Sobral (2008), uma delas é que a língua está sempre se transformando, mas, ao mesmo tempo, mantém um conjunto aceito pela coletividade das formas de *uso* da língua que permita a compreensão de todos, a partir das produções individuais dos sujeitos daquele meio. Isso só se concretiza, de acordo com o autor, se considerarmos a língua como sistema coletivo, composto de discursos individuais, que, na interação dos sujeitos com o meio social, compõem uma língua nacional.

Cada língua se comporta de maneira diferente quando se fala de elementos como substantivos, adjetivos, verbos, interjeições, advérbios, preposições, conjunções, numerais, artigos, desinências, prefixos, sufixos, entre outros, já que o uso desses elementos, mesmo que seguindo uma sequência linear, tem suas particularidades em cada língua, que são responsáveis por alterar o sentido que eles têm e que suas combinações criam. Trata-se da questão das especificidades culturais das línguas, pois elas nascem em ambientes diversificados e esses ambientes estão sempre se modificando. Nessa linha de raciocínio, Sobral (2008, p. 41) assegura que a constante presença de modificações mostra que o lugar do surgimento do sentido é o uso, a partir de significados que se estabilizem ao menos por algum tempo. Sendo assim,

as possibilidades expressivas da língua dependem tanto do sistema que as gramáticas e dicionários registram do uso, tanto dos falantes como de todas as instâncias que incidem sobre o ser da língua. Se o sistema e/ou o uso não aceitam dada forma de expressão, ela muitas vezes nem vem a existir ou então desaparece. E muitas formas podem coexistir- vide as variedades da língua que são usadas simultaneamente no mesmo período de tempo. Logo, não se pode falar de linguagem sem falar ao mesmo tempo de sistema de uso.

Podemos afirmar, então, que a interação contextualizada é a “vida da língua” e que não é suficiente para tornar a tradução possível o momento da língua fixado nas gramáticas e dicionários,



afinal, são as relações que se estabelecem por meio dos textos, em uma determinada situação de interação, que permitem a tradução. O conhecimento de palavras ou do sistema gramatical das línguas é uma condição necessária da tradução, mas nunca determinante.

Sobral (2008, p. 42) declara que o filósofo alemão, Heidegger, discorreu em vários escritos acerca da relação entre a linguagem e o ser. O autor põe em destaque que a “linguagem é marcada pela multiplicidade do sentido, é algo animado e vigoroso que não pode ser reduzido à imobilidade da univocidade de alguma sequencia de signos”. Este pensamento se relaciona com uma das diversas dificuldades dos tradutores que se baseiam nesse pensamento, o problema de que palavras e frases podem servir para criar mais de um sentido e isso marca sua responsabilidade ao registrar em outra língua a “palavra animada”, rica de sentidos, não petrificada. Por conta disso, argumenta Sobral (2008) que a conhecida “tradução automática” não apresenta bons resultados na maioria dos casos, pois o simples fato de se traduzir mecanicamente cria a ilusão de “imobilidade”, ou seja, da língua como sistema mecânico. Assim, é comum encontrar textos traduzidos que parecem truncados, antinaturais e de difícil assimilação, pois estes são o fruto de uma ação mecânica, na qual não se levou em conta a universalidade das línguas.

É dessa forma que a linguagem se torna um conjunto de potencialidades expressivas que só o uso atualiza. Por outro lado, o uso sofre a influência das ideias dominantes em um dado momento histórico e em uma dada sociedade, já que o falante é influenciado pelas variedades lingüísticas, pela influência de línguas estrangeiras, o que, em algum momento, vai se refletir no sistema da linguagem.

3. Tecnologia e tradução: um estudo de caso de um manual de Smartphone

No ano de 2009, a empresa de produtos eletrônicos Apple Inc. lançou a terceira geração (3Gs) do *smartphone iPhone*, que só chegou ao Brasil meses depois. O aparelho vem acompanhado de dois manuais, um completo com todas as informações detalhadas do produto e o outro apenas com dicas rápidas para o novo usuário. O manual de análise será este segundo, intitulado em inglês *Finger tips* com tradução para o português “Dica na ponta dos dedos”.

O manual em análise contém uma versão resumida e rápida das funções e aplicativos do *smartphone* em língua inglesa, além da aparência compacta, “sanfonada” e prática, ideal para se ler



de maneira facilitada em qualquer lugar. Dessa forma, observamos que a sua finalidade, de dar instruções rápidas para a utilização do aparelho, é assim atingida, juntamente com uma linguagem, que na teoria, proporciona a fluência na leitura. A comparação entre texto de partida (manual em inglês) e texto de chegada (manual traduzido para o português) será realizada de forma que demonstre como os aspectos lexicais e sintáticos aparecem e se inserem na tradução, além de verificar como isso reflete as particularidades culturais de cada língua, nesse caso do inglês e do português³.

De maneira geral, o manual em inglês apresenta uma linguagem de fácil compreensão e repleta de referências à cultura americana, onde o *iPhone* foi inicialmente lançado. Na tentativa de trazer aos usuários brasileiros as informações do produto, a tradução manteve a mesma formatação do manual, assim como as seções, vírgulas, parágrafos e estrutura do texto fonte, por isso, na maioria das vezes, tem a tradução de seus “equivalentes” em português sem nenhuma alteração que facilite a leitura ou que proporcione uma adaptação da linguagem.

Outro aspecto geral a ser considerado, é a tradução “mecânica” de que o manual foi alvo, desconsiderando sua qualidade de ser um recurso de leitura ágil e simples para se compreender o funcionamento do aparelho. Percebe-se isso em trechos nos quais não há linearidade no tratamento ao leitor, pois não existe manutenção dos tempos verbais e das construções frasais, já que ora é impessoal, ora pessoal. Isso pode ser percebido nos trechos a seguir relacionado ao pronome “você”:
“*If you’re new to iTunes*”, traduzido para o português como “*Se não estiver familiarizado com o uso do iTunes*”; “*(...) iTunes opens and guides you through set up*”, que ficou em português “*(...) o iTunes se abre e guia você através do processo de configuração*” (Seção 3. Sync/Sincronize).

O texto-fonte é intitulado “*Finger tips*”, expressão (em inglês *idiom*), que, de acordo com o dicionário virtual *Oxford Advanced American Dictionary (2011)*, significa “*To have the information, knowledge, etc., that is needed in a particular situation and be able to find it easily and use it quickly*”, ou seja, é possuir uma informação necessária para uma situação particular e que esta possa ser usada de forma rápida e fácil. A tradução foi uma tentativa de “transpor” essa idéia para a Língua Portuguesa com a construção “*Dica na ponta dos dedos*”. Na Língua Inglesa, esse *idiom* vem carregado de sentidos e causa uma impressão no falante da Língua Inglesa que não causa no falante

³ Pelo fato de o manual não possuir numeração nas páginas, os trechos analisados serão identificados a partir da seção em que ele se encontra primeiro com o nome em inglês, depois em português.



da Língua Portuguesa, pois não temos uma expressão construída dessa forma que cause o mesmo efeito e, nesse sentido, a adaptação é necessária para que não haja esse estranhamento por parte do leitor do manual.

As expressões que se referem à cultura americana, não se resumem ao título. Logo no início das explicações sobre o aparelho, há a seguinte informação: “*Ready, set up, go.*”, que ficou na versão em português “*Preparado, configurado, já!*”. A expressão “*ready, set up, go.*” faz referência à expressão “*Ready, set, go*” ou, ainda, “*get ready, get set, go*”, a qual, de acordo com o dicionário virtual *Oxford Advanced American Dictionary* (2011, [f.1]), refere-se a “*What you say to tell people to start a race*” (o que se diz antes do começo de uma corrida) ou, conforme o *Wiktionary.org*, “*An expression used to tell people, for example races, to go*” (expressão para se dizer a pessoas que há o início de uma corrida). Há, portanto, a intertextualidade com a expressão corriqueira da cultura para marcar a informalidade e rapidez de compreensão que este pequeno manual tem como objetivo. No texto-fonte escrito em inglês, feito inicialmente para os americanos que estão imersos nessa cultura, essa expressão é plenamente compreendida como algo que faz parte da fala comum daquele povo, entretanto, em português, no contexto brasileiro, isso não faz sentido nem gera uma comoção. Algo parecido que a língua portuguesa possui e usado em um contexto parecido é a expressão “Apontar, preparar, vai!”, mas que não faz sentido quando se analisa que o “set”, que virou no manual “set up”, quer dizer configurar, configuração. Por compreender isso, provavelmente o tradutor tenha optado por não adaptar a expressão e acrescentar um ponto de exclamação no fim da expressão.

Ainda, no início do manual, há a seguinte construção “*Welcome to iPhone. This Quick Start guide tells you how to set up your iPhone and use its key features.*”, cuja tradução ficou “*Bem-vindo(a) ao iPhone. Este Guia de Início Rápido contém explicações sobre como configurar o seu iPhone e usar seus principais recursos.*” O tradutor teve o cuidado de indicar os dois gêneros do português em “Bem-vindo (a)”, mas, logo em seguida, chegou a manter até as letras maiúsculas do texto fonte, acrescentando na palavra “rápido” a primeira letra como maiúscula, sendo que em português não se utiliza letras maiúscula em situações como essa. A tradução *word by word* de “*This Quick Start guide*” para “*Este Guia de Início Rápido*” não é um “erro” de tradução, mas causa um estranhamento na hora da leitura, já que não é uma construção utilizada por brasileiros falantes de português. Uma tradução mais adequada



ao “uso” da língua portuguesa seria: “Bem-vindo(a) ao iPhone. Este (*breve manual, guia inicial, guia*) explicará como configurar seu iPhone e (usar, manusear, conhecer) seus principais recursos”.

Na sequência, lê-se: “1. *Download iTunes. Go to www.itunes.com/download and download the latest version of iTunes to install on your MAC or PC.*”, com a seguinte versão “1. *Transfira o iTunes. Visite o site www.itunes.com/br/download e faça a transferência da última versão do iTunes para instalá-la no seu MAC ou PC.*” Com a globalização, os avanços tecnológicos e a dominação da internet, a expressão “fazer um *download*” ou “baixar um arquivo” é comumente conhecida, por isso, não haveria nenhuma necessidade da tradução de um termo tão global, quando a tradução, que além de desnecessária, prejudicou a compreensão do texto. Isso porque, sem o acesso ao texto fonte, fica difícil entender que, quando o manual diz “*Transfira o iTunes*” ou, ainda, “*faça a transferência da última versão do iTunes*”, ele nos aconselha a fazer o *download* de um programa da internet. A palavra *download* já é até dicionarizada com a definição “aquisição de cópia, em computador, de um arquivo da internet” (HOUAISS, 2009, p.262).

Em outro trecho do manual, o inverso foi verdadeiro, ou seja, havia a necessidade da tradução do termo e isso não aconteceu: “*To answer a call while using the iPhone headset(...)*” para “*Para atender uma ligação quando estiver o usando o headset do iPhone(...)*” (Seção *Make a call/ Faça uma ligação*). O dicionário online *Oxford Advanced American Dictionary* (2011, [f.1]), esclarece que *headset* é “A pair of headphones, especially one with a microphone attached to it, often used to talk on the phone”, ou seja, um fone de ouvido equipado com um microfone para atender ligações. Portanto, no caso anterior havia uma palavra estrangeira de uso normal em português, até dicionarizada, enquanto a palavra *headset* tem um “equivalente” em português “fone de ouvido” (já que mesmo tendo um microfone, isso não chega a alterar o nome), o que significa contar com um conhecimento prévio além do alcance do leitor comum.

Ainda com referência à adequação dos termos em inglês para o português, a frase “*Connect your iPhone to the USB port on your computer*” foi traduzida para “*Conecte seu iPhone à porta USB do seu computador.*” (Seção 2. *Connect to your computer/Conecte ao seu computador*). A palavra *port*, de acordo com o dicionário online *Oxford Advanced American Dictionary* (2011), significa na área da informática “a place on a computer where you can attach another piece of equipment often using a cable” (local em um computador onde se conecta outro equipamento comumente, através de um cabo). Em português, de acordo com o dicionário online *Priberam* da



Língua Portuguesa, USB é uma “sigla do inglês *Universal Serial Bus*” e que, no ramo da informática, essa palavra é utilizada como algo “que usa este tipo de ligação (ex. cabo USB, entradas USB). No ramo da informática no Brasil, dizer “porta USB” é comum, entretanto, no uso comum da língua, a expressão “entrada USB” é mais usada e conhecida. Como previamente apresentado com os exemplos das traduções das palavras *download*, *port* entre outras, as escolhas do tradutor tem que ter em vista o público que a tradução se destina, para que ela possa cumprir seu papel de levar as informações necessárias à cultura de chegada. Estas escolhas não são fáceis, pois não são a única preocupação do tradutor na hora de traduzir, sendo a pesquisa de termos mais adequados uma das atividades de grande importância para o tradutor.

Um último exemplo é a tradução de “*Touch and hold any icon until it starts to jiggle*” para “*Toque qualquer ícone e mantenha o dedo sobre ele até que comece a tremular*” (Seção Create folders. Organize apps/ Crie pastas. Organize aplicativos). De acordo com o dicionário online *Oxford Advanced American Dictionary* (2011, [f.1]), o termo *Jiggle* é assim definido “to move or make something move up and down or from side to side with a short quick movements” (mover-se ou fazer algo movimentar-se em todas as direções em pequenos movimentos). O dicionário online *Merriam-Webster* (s.d.,[f.1]) apresenta esta palavra “as a synonyms of vibrate” (como sinônimo de vibrar). A tradução do termo para “tremular” causa estranhamento instantâneo, por não ser de uso corrente na Língua Portuguesa. Uma opção de tradução seria “vibrar”, já que o mini dicionário *Houaiss* da Língua Portuguesa (2009, p.741) nos esclarece que “tremular” significa “mover (-se), tremer, vibrar de modo contínuo e tremulo (som)” e “vibrar” como “(fazer) sofrer tremor; tremer.” Portanto, há, aqui sinônimos que poderiam ser levados em conta na hora da tradução para tornar o manual mais facilmente compreensível.

Após a análise dos fatos, é possível reconhecer que só quem já traduziu textos técnicos sabe o desafio para que a tradução pareça tão natural quanto o texto de partida, já que é preciso diminuir distâncias e amenizar categorizações. A interpretação do texto de partida é importante, afinal, para uma boa tradução, seja ela qual for, ainda é de suma importância que o tradutor seja um exímio leitor, tanto de literatura quando de rótulos de embalagens.

Considerações finais



O objetivo desta análise não foi uma análise crítica com a intenção de julgar o trabalho do tradutor, mas de demonstrar que a cultura de um grupo está presente, ao contrário do que se acredita, até na tradução de um manual. Além disso, buscou-se demonstrar a língua como algo que se movimenta, se transforma e reflete uma cultura ou grupos culturais de um determinado local. Desta forma, percebe-se que as dificuldades do processo tradutório se apresentam nas mais variadas formas ao tradutor que necessita de atenção, pesquisa, habilidade em traduzir e conhecimento profundo da língua e cultura em questão.

Para concluir as reflexões desenvolvidas neste artigo, é necessário mudar a dimensão da tradução de textos técnicos e do papel do tradutor desta vertente de tradução. Por isso é que discussões como esta permitem compreender que o cenário da tradução precisa mudar no sentido de valorizar não só a profissão em si, como também o profissional tradutor, seu processo de trabalho. A tradução técnica não é, definitivamente, um “terreno árido”, pois está integrada, como qualquer outra modalidade textual, numa realidade tecnológica e culturalmente condiciona e contextualiza.

Referências

- AIO, Michelle de Abreu. *The poor status of technical translations*. Florianópolis: 2009.
- AIO, Michelle de Abreu; POCHLOPECK, Silvana Ayub. *Tradução técnica: armadilhas e desafios*. Florianópolis: Tradução e Comunicação, revista brasileira de tradutores; número 19, 2009
- AIO, Michelle de Abreu; ZIPSER, Meta Elisabeth. *Reflexões sobre a tradução como representação cultural*. Curso de curta duração ministrado, 2011
- AUBERT, Francis Henrik. *Introdução a Metodologia da Pesquisa Terminológica Bilíngüe*. São Paulo: Humanitas, 2001.
- AZENHA Jr, João. *Tradução técnica, condicionantes culturais e os limites da responsabilidade do tradutor*. Cadernos de Tradução, vol.1, n.1, 1996.
- AZENHA Jr, João. *Tradução Técnica e Condicionantes Culturais: Primeiros Passos para um Estudo Integrado*. São Paulo: Humanitas, 1999.
- AZENHA Jr., João. *Aspectos culturais na produção e na tradução de textos técnicos de instrução alemão-português: teoria e prática*. Tese de Doutorado. São Paulo, USP/FFLCH/DLM, 1994.



IV CONALI - Congresso Nacional de Linguagens em Interação
Múltiplos Olhares
05, 06 e 07 de junho de 2013
ISSN: 1981-8211



BARBOSA, Heloísa Gonçalves. Tradução, mercado e profissão no Brasil. Revista Confluências-Revista tradução Científica e Técnica. N.3, CIDADE2005.

HOUAISS, A. *Míni dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva 2009

KRIEGER, M. G. Responsabilidade do tradutor. Cadernos de tradução, Florianópolis, 2006

KRIEGER, M.G. e FINATTO, M.J.B. *Introdução à Terminologia: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2004.

MERRIAM-WEBSTER DICTIONARY 2011. Dicionário online inglês-inglês. Disponível em: <http://www.merriam-webster.com>. Acessado em: 14 de novembro de 2011.

OXFORD ADVANCED AMERICAN DICTIONARY. 2011. Dicionário online inglês-inglês. Disponível em: <http://oaadonline.oxfordlearnersdictionaries.com/>. Acessado em: 14 de novembro de 2011

SOBRAL, Adail. *Dizer o “mesmo” aos outros: ensaios sobre tradução*. São Paulo: SBS, 2008.

STOLZE, Radegundis. *Dealing with cultural elements in technical texts for translation*. The Journal of Specialised Translation, Issue 11, 2009.

ZETHSEN, Karen, K. *The Dogmas of Technical Translation: Are They Still Valid?*, CIDADE EDITORA, 1998.